

Otto Rank e as encruzilhadas da Psicanálise

Pedro Fernandez de Souza

Resenha de Otto Rank, *Poesia e mito: os textos que Freud banuiu de A interpretação dos sonhos*, tradução de Natan Schäfer, São Paulo, Blucher, 2023, 165 p.

142

PERCURSO 71 : dezembro de 2023

A publicação de *Poesia e mito*, uma coletânea de dois textos até ontem desconhecidos de Otto Rank, tem uma enorme importância para a comunidade psicanalítica e para qualquer pessoa que se interesse por psicanálise ou pela figura de Sigmund Freud. Com excelente tradução de Natan Schäfer, a edição conta ainda com uma apresentação de Caio Padovan (*A outra interpretação dos sonhos*) e um estudo de Camila de Moura (*Os profetas da psicanálise*), que dialoga com ambos os textos de Rank. Ladeando as palavras de Rank, as palavras dos pesquisadores brasileiros fazem jus à importância dos dois ensaios traduzidos: são mostras de erudição sintética, uma raridade no meio acadêmico.

Intitulados *Sonho e poesia* e *Sonho e mito*, os textos traduzidos são significativos por si sós: neles, Rank esparge a sua erudição de homem de letras, mostrando e explorando as correspondências entre a formação de mitos e a formação de sonhos, por um lado, e expondo, como se num extenso catálogo, as palavras quase vaticânicas de inúmeros poetas que não só sabiam, antes da psicanálise, as regras da formação onírica formuladas a duras penas pelos cientistas da alma, como as utilizavam em suas obras literárias. O escritor

literário, então, o famoso *Dichter*, emerge aqui como um autêntico precursor individual da interpretação freudiana dos sonhos – e o mito, por outro lado, emerge como uma vasta produção coletiva em cujo tecido simbólico os mesmos mecanismos oníricos marcariam presença.

Os dois textos dão testemunho, portanto, do esforço ainda incipiente em 1914, quando de sua publicação, por aplicar a psicanálise no âmbito das *Geisteswissenschaften*, as chamadas “ciências do espírito” ou “ciências humanas”. Até então inéditos em português, eles mereceriam uma tradução como a que agora se oferece ao público lusófono sem que nenhuma outra justificativa tivesse de ser aventada. Mas eles detêm uma importância ainda maior. Afinal de contas, à diferença dos outros artigos de Rank – que podem ser encontrados nos periódicos especializados de psicanálise por qualquer um que tenha acesso a eles –, *Sonho e poesia* e *Sonho e mito* são textos perdidos. Mais que isso: são textos anátemas, apagados, réprobos, deslembados, banidos.

Esclareçamos o leitor. As últimas palavras do prefácio à oitava edição da *Interpretação dos sonhos*, redigido em dezembro de 1929, são as seguintes: “ambos os ensaios, *Sonho e poesia* e *Sonho e mito*, com que Otto Rank havia contribuído para as edições anteriores, foram omitidos”¹. Esses são os últimos vestígios de um fato pouco notado entre os pesquisadores de Freud: a intercalação, entre os capítulos VI e VII da obra, desses dois textos de inteira autoria de Otto Rank, inseridos pela primeira vez no livro em sua quarta edição, de 1914². A essa edição, Freud escreveu um prefácio bem curto, noticiando não só que recém-saíra uma tradução do livro para o inglês, mas também que “o senhor Otto Rank desta vez não apenas cuidou das correções, como também enriqueceu o texto com duas contribuições independentes (anexo ao capítulo VI)”³.

Não foi só isso: na capa da *magnum opus* de Freud figurava também o nome de Otto Rank, na condição de coautor. Isso ocorreu entre 1914 e 1922, entre a quarta e a sétima edição. Em 1925, preparava-se a primeira grande edição das “obras” de

Sigmund Freud (os *Gesammelte Schriften*), dentre as quais não poderia faltar, evidentemente, o livro de 1900. A decisão de Freud: republicar o “original”, de 1900, num primeiro tomo, mais os acréscimos posteriores num segundo tomo. Foi então que os ensaios de Rank foram inteiramente deletados do livro. Pouco tempo antes, desde o início da década de 1920 – como nos relata Caio Padovan em sua introdução a *Poesia e mito* –, Rank e Freud iniciaram mais uma das típicas dissensões freudianas: fim de amizade, fim de relação, apagamento das contribuições do ex-coautor.

Os traços de Rank na *Interpretação dos sonhos* são vários. Seu nome aparece em notas de rodapé, em citações, e até mesmo em trechos inteiros que Freud colou, *ipsis litteris*, em seu livro (sobretudo no capítulo V). Freud chegou a escrever, numa nota de rodapé adicionada em 1914: “deve-se reconhecer a análise de O. Rank, *Ein Traum, der sich selbst deutet* [Um sonho que interpreta a si mesmo], como a interpretação mais completa de um sonho extenso”⁴. Quem lê Freud sabe que um elogio como esse não é dos mais comuns em suas obras.

Com a morte do autor, nasce o Autor: editam-se as “obras completas” de Sigmund Freud (que são sempre incompletas, diga-se de passagem), nasce o projeto das *Gesammelte Werke*,

as “obras reunidas”, que passam a constituir uma espécie de cânone da palavra do mestre, e se institui como que uma versão canônica dos seus textos (frequentemente remendados e adulterados pelo próprio autor). Com *A interpretação dos sonhos* o processo foi ainda mais radical: como mostraram Lydia Marinelli e Andreas Mayer, em seu livro *Träume nach Freud* (sem tradução para o português)⁵, tal obra não teve tão-somente uma versão, canônica desde a sua fundação, mas “foi mudando de modo substancial na fase de formação da comunidade psicanalítica, graças a uma série de intervenções de seus primeiros leitores”⁶. Num artigo fundamental, Ilse Grubrich-Simitis⁷ nos relata todas as alterações pelas quais o livro passou em suas sucessivas reedições (1909, 1911, 1914, 1919, 1921, 1922, 1930): foram páginas e páginas que Freud acrescentou, rebatendo críticas, amenizando pontos de vistas anteriores, corrigindo os próprios erros e – o que nos é o mais importante – incorporando parágrafos inteiros de seus colaboradores. Longe do sabor pacífico que as palavras fixas e finais transluzem, o livro foi um palco de batalhas e decisões teóricas: “enquanto Freud era vivo, *A interpretação dos sonhos* não conformou uma unidade fechada, mas sim um campo relativamente aberto. As relações entre os leitores do livro e seu autor são recíprocas. A elas cabe uma parte importantíssima na configuração dessa obra”⁸. Ora, com a edição “derradeira” da Obra, toda essa densidade histórica de sua conformação é apagada. Cai o nome de Otto Rank, caem os seus contributos para o livro, erige-se o Livro, cuja textura serena não mais deixa entrever sua história agitada e imprevisível.

Cabe então questionar: por que Freud decidiu *incluir* esses dois textos em sua maior obra? E, além disso, por que decidiu *retirá-los* do livro? Não é possível – nem desejável, talvez – responder resolutamente a essas duas questões, mas é lícito explorar algumas das vias que nos são acessíveis.

Por trás da inclusão dos dois textos de Rank n’*A interpretação dos sonhos*, existe um projeto freudiano talvez desconhecido ao leitor. A correspondência de Freud com seus discípulos no

1 S. Freud, *Die Traumdeutung*, p. xv.

2 Na bibliografia anglófona, que se ocupa mais da figura de Otto Rank, o fato recebeu mais atenção. Entre os estudiosos brasileiros, somente encontramos um comentário a ele num artigo de Padovan e Pinto: “Após a ruptura entre Freud e Rank, as contribuições deste último – que consistiam em dois capítulos acrescentados em forma de anexo ao sexto capítulo da obra, o primeiro com o título *Sonho e Poesia*, o segundo, *Sonho e Mito* – foram retiradas das edições posteriores da *Interpretação dos sonhos*. A retirada desses capítulos se efetuou na passagem da sétima à oitava edição da obra, publicadas, respectivamente, em 1922 e 1930” (“Mais alguém do Além do princípio de prazer: um retorno aos manuscritos”, *Natureza Humana*, v. 22, n. 2, p. 97). Mas, como o tema do artigo são os manuscritos do *Além do princípio do prazer*, os autores não dizem mais nada sobre os dois textos de Otto Rank.

3 S. Freud, *op. cit.*, p. xii.

4 S. Freud, *op. cit.*, p. 316.

5 O título alemão contém uma plurivocidade intraduzível: pode significar tanto “Sonhos depois de Freud” quanto “Sonhos de acordo com Freud”.

6 L. Marinelli; A. Ma yer, *Soñar con Freud*, p. 12.

7 I. Grubrich-Simitis, “Métamorphoses de L’interprétation des rêves”, *Revue Germanique Internationale*, n. 14, p. 9-47.

8 L. Marinelli ; A. Mayer, *op. cit.*, p. 18.

início da década de 1910 testifica esse projeto que hoje pode parecer no mínimo estranho. Colaboradores como Jung e Rank alertavam a Freud da excessiva *peçoalidade* do livro⁹, que poderia colocar em risco a sua cientificidade. Freud consentia com esse juízo: era preciso tornar seu livro dos sonhos o mais *impessoal* possível, e esse é um dos motivos pelos quais inseriu nele tantas passagens alheias. Ora, o plano avançado por Freud era bem mais radical do que isso: ele pretendia fazer da terceira edição do livro, a de 1911, a sua *última edição*, de modo que *A interpretação dos sonhos* daria lugar a um *novo livro*, escrito a várias mãos e o mais impessoal possível. Numa carta a Jung de 17 de fevereiro de 1911, Freud dizia que o novo livro teria uma importante colaboração de Otto Rank, que escreveria sobre literatura e mitologia, enquanto o próprio Freud acrescentaria mais páginas a respeito da teoria das neuroses. Esse plano, porém, como se pode deduzir, jamais foi levado a cabo. “Num momento qualquer entre 1911 e 1914, o projeto de substituí-la [*A interpretação dos sonhos*] por um ‘novo livro impessoal’ foi manifestamente abandonado”¹⁰. Restou, todavia, uma marca desse projeto abortado na edição seguinte, a de 1914: a inserção dos dois textos de Rank. Isso explica possivelmente a coautoria de Rank: o livro dos sonhos não tinha de ser lido como um “diário onírico” de um indivíduo singular chamado Sigmund Freud, mas como um documento científico. Os textos de Rank elencavam confirmações dessa cientificidade dos âmbitos da mitologia e da literatura – era como se Freud, com a rubrica de um segundo autor, quisesse imprimir em seu livro demasiado pessoal o selo impessoal da ciência e da universalidade.

Essa universalidade, afinal, advinha de um âmbito específico: a poesia e o mito. No capítulo I d’*A interpretação dos sonhos*, Freud elencara os pareceres de inúmeros médicos a respeito do problema do sonho. Apesar de mencionar um ou outro filósofo e um ou outro autor da antiguidade, suas principais e mais numerosas referências para o livro são as autoridades médicas, bem próximas temporalmente a ele. Com as confirmações

poéticas e mitológicas auferidas por Rank, testificava-se um juízo fundacional da psicanálise enquanto disciplina científica: a fisiologia não dá conta do fenômeno do sonho. Requer-se uma *psicologia científica* para explicá-lo, que não seja redutível à anatomia e à fisiologia. Os poetas e os mitos, assim, apesar de não fazerem “ciência”, têm mais ciência da dinâmica dos sonhos do que a ciência anátomo-fisiológica.

É aqui que a figura de Rank se revela interessantíssima dentro do movimento psicanalítico. Foi em 1906, por intermédio de Alfred Adler – o primeiro dos grandes dissidentes –, que Freud e Otto Rank se conheceram pessoalmente¹¹. Em pouco tempo, Rank já fazia parte do “círculo de Viena”, do grupo daqueles que tomavam parte nas “reuniões das quartas-feiras”; à diferença dos outros participantes, contudo, Rank não era médico, mas tinha formação em filologia e enorme interesse por aquilo que hoje chamamos de “humanidades”. A importância de Rank, segundo Grotjahn¹², é tripla: ele não apenas se tornou um confidente íntimo de Freud, como exerceu o cargo de secretário da Associação Psicanalítica de Viena e era incumbido, como representante dela, de tratar de questões editoriais junto à *Verlag* (editora) fundada por Freud. Em cada um dos prefácios d’*A interpretação dos sonhos* (à exceção do primeiro, de 1900, e do último, de 1930), Freud agradece a Rank por ter cuidado das erratas, da editoração e da atualização da bibliografia sobre os sonhos. Não à toa, Marinelli e Mayer afirmam que, visto tudo isso, Rank “merece ser chamado de o primeiro funcionário da psicanálise”¹³.

As cartas mostram que Freud apoiou Rank financeiramente de forma sistemática, que teria cumprido a função de “primeiro funcionário da psicanálise” em parte por gratidão ao mentor. Diz Grotjahn¹⁴ que, até conhecer o pai da psicanálise, Rank sofria em sua carreira acadêmica incompleta e estagnada, correndo o risco de ser um “judeu errante” universitário. Até 1906, de fato, Rank trabalhava numa oficina mecânica, sem perspectiva de concretizar suas pretensões intelectuais. Quanta diferença para o candidato a doutor que em 1912

defendeu sua tese, a primeira tese acadêmica a aplicar a metodologia psicanalítica no campo da literatura e da mitologia (no caso, Rank leu psicanaliticamente a lenda de Lohengrin). Ora, não é de todo indiferente, para nós, saber que Freud *financiou* o doutorado de Rank⁹. Não é de todo indiferente, ademais, saber que foi somente a partir de 1912 que Rank passou a assinar “doutor” em suas publicações. Até então, “doutores” eram apenas os médicos psicanalistas (como Freud), cuja tese de doutorado era inexistente.

Tampouco pode ser indiferente que Freud tenha escolhido Rank, um não médico, para redigir os textos a complementar sua obra-prima. A disciplina freudiana, nascida no campo da psicopatologia e da clínica, franqueava sendas – graças também aos esforços hermenêuticos de Otto Rank – na exploração de mitos, ritos e obras literárias. Na própria *espacialidade* do livro cheio de acréscimos, nas edições entre 1914 e 1922, marcava-se essa *hibridez* inevitável da disciplina freudiana: apostos imediatamente antes do capítulo VII, os textos de Rank são mostra da tendência da psicanálise a não só se aplicar no âmbito das ditas “humanidades”, mas também de retirar delas comprovações e evidências de seu próprio acerto científico; ora, o capítulo VII, como hoje sabemos bem, contém muitos ecos do assim chamado *Projeto de uma psicologia científica*, redigido em 1895 e só publicado postumamente. Esse capítulo derradeiro d’*A interpretação dos sonhos* contém os primeiros esquemas do aparelho psíquico, com suas instâncias funcionalmente diferenciadas, com seu princípio do desprazer, com seus processos primários e secundários, e assim por diante. É muito mais afim da biologia e da psicologia científica do

que da literatura e da mitologia. Pode-se imaginar o efeito que o texto porventura causava em seus leitores entre 1914 e 1922: logo após a lista de escritores, poetas, filósofos e mitos enfileirados triunfalmente por Rank, chegavam os sistemas de memória, as terminações perceptual e motriz do aparelho psíquico, a vivência de satisfação, os processos primários e secundários... Na cesura entre os textos de Rank e o famífero capítulo VII estaria marcada *editorial e materialmente*, por assim dizer, uma das grandes encruzilhadas da disciplina freudiana: estaríamos diante da velha dicotomia energética x hermenêutica, tal como diagnosticada por Ricoeur¹⁶ e tão bem analisada por Monzani¹⁷.

Na inserção dos dois textos de Rank na obra mestra de Freud, portanto, grafam-se também duas das cruzes fundacionais da psicanálise freudiana: a) as relações entre o *particular* e o *universal*, basilares para a construção da teoria; e b) as relações entre a psicanálise, suposta *Naturwissenschaft* (ciência da natureza), e as *Geisteswissenschaften* com as quais faz fronteira.

Freud, por fim, optou por excluir os dois textos de Rank das edições finais d’*A interpretação dos sonhos*, em parte, como mostra Caio Padovan em sua apresentação a *Poesia e mito*, por ter-se definitivamente distanciado de Rank. Decisão política, antes de tudo? Talvez. Mas, ao tomá-la, Freud privava a nós, seus futuros leitores, das marcas mais substanciais de todas essas questões, indecisões e deliberações que perpassaram a escrita e a edição do livro. Restava agora o texto sereno, “canônico”, a cujo processo parturiente, *inter urinas et faeces*, nós não poderíamos mais ter acesso.

Donde a imensa importância da tradução desses dois ensaios de Otto Rank. *Poesia e mito*, convém frisar, é um acontecimento na história da psicanálise no Brasil. Não apenas por trazer a lume dois textos esquecidos de um dos principais colaboradores de Freud, que antes figuravam em sua obra-prima. A história, nunca é demais repetir, pode ser contada de diversas maneiras. Tanto o historiador quanto o psicanalista são ratos de arquivos: escafando as

9 I. Grubrich-Simitis, *op. cit.*, p. 26.

10 I. Grubrich-Simitis, *op. cit.*, p. 26.

11 L. Marinelli; A. Mayer, *op. cit.*, p. 232.

12 M. Grotjahn, “Rank’s position in Freud’s circle and his departure from the group of ringholders”, *American Imago*, v. 41, n.4, p. 354.

13 L. Marinelli; A. Mayer, *op. cit.*, p. 102.

14 M. Grotjahn, *op. cit.*, p. 354.

15 P.L. Rudnytsky, “Rank: Beyond Freud?”, *American Imago*, v. 41, n. 4, p. 328.

16 P. Ricoeur, *De l’interprétation*.

17 L.R. Monzani, *Freud: o movimento de um pensamento*.

prateleiras – literais ou figuradas – das produções textuais humanas, ambos cuidam de forjar no presente, à luz dos indícios que o homem deixou da sua própria experiência sobre esta terra, uma reconstrução do passado. Mas a capacidade de deixar rastros tem seu corolário negativo: tudo que se escreve pode ser apagado; tudo que se conserva pode ser destruído. Fazer psicanálise, segundo Freud¹⁸, é procurar preencher as lacunas da memória individual, lacunas estas criadas pelo próprio indivíduo no curso de sua história. Fazer história da psicanálise, então, é em parte preencher as lacunas que os seus atores criam ao exercer e desenvolver a psicanálise. Freud, tal como a memória ou a censura onírica, era também um criador de lacunas. Estamos ainda em via de preenchê-las. Somente assim, talvez, nós possamos ser verdadeiramente freudianos perante o próprio Freud.

Referências bibliográficas

- Freud S. (1900). Die Traumdeutung. *Gesammelte Werke*, Bd. 11-111. Frankfurt am Main: Fischer Verlag.
- _____. (1914). Erinnern, Wiederholen und Durcharbeiten. *Gesammelte Werke*, Bd. x, p. 126-137. Frankfurt am Main: Fischer Verlag.
- Freud S.; Rank O. (1922). *Die Traumdeutung*. Siebente Auflage. Leipzig und Wien: Franz Deuticke.
- Grotjahn M. (1984). Rank's position in Freud's circle and his departure from the group of ringholders. *American Imago*, v. 41, n. 4, p. 353-358.
- Grubrich-Simitis I. (2000). Métamorphoses de L'interprétation des rêves. *Revue Germanique Internationale*, 14, p. 9-47.
- Marinelli L.; Mayer A. (2011). Soñar con Freud: La interpretación de los sueños y la historia del movimiento psicoanalítico. Buenos Aires: El cuenco de plata.
- Monzani L.R. (1989). *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Padovan C.; Pinto W.C.F. (2020). Mais quem do Além do princípio de prazer: um retorno aos manuscritos. *Natureza Humana*, v. 22, n. 2, p. 83-115.
- Ricœur P. (1965). *De l'interprétation*. Paris: Editions du Seuil.
- Rudnytsky P.L. (1984). Rank: Beyond Freud? *American Imago*, v. 41, n. 4, p. 325-341.

18 S. Freud, Erinnern, Wiederholen und Durcharbeiten. *Gesammelte Werke*, Bd. x, p. 126-137.